

Os 'pais' do plano

Cinco economistas vêm preparando o programa de estabilização da economia, a ser anunciado no final de abril ou início de maio. Antônio Barros de Castro, presidente do BNDES, trabalha na armação macroeconômica do programa, Fernando de Holanda Barbosa, secretário de Política Econômica, costura a parte de inflação, e João Heraldo, diretor de política monetária do Banco Central, programa toda a parte financeira.



Holanda Barbosa



Barros de Castro



Gustavo Loyola

Além deles, outros dois assessores do ministro da Fazenda, Paulo Haddad, trabalham em partes específicas do programa — Emílio Carazzai, secretário-executivo de Haddad, e Gustavo Loyola, presidente do BC.

Barros de Castro, Fernando e Holanda e João Heraldo conhecem o programa integralmente e se reúnem numa sala ao lado do gabinete do ministro da Fazenda. Já Carazzai e Loyola têm tido participação mais restrita, porque ficaram encarregados pelo ministro de *tocar* a máquina econômica enquanto não fica pronto o programa. É uma engenharia complexa, dependente do sucesso do Programa de Curto Prazo, anunciado pelo ministro Paulo Haddad no dia 30 de dezembro do ano passado. O Programa de Curto Prazo mexe na estrutura econômica e o ponto-chave é

conseguir equilíbrio definitivo nas finanças públicas. Sem mexer nessa estrutura, segundo Haddad, nenhum programa de estabilização terá sucesso a longo prazo. Fazem parte do Curto Prazo a implementação do IPMF, renegociação da dívida de US\$ 57 bilhões dos estados e municípios, saneamento financeiro da CEF, reforma do sistema financeiro, solução para as dívidas do sistema elétrico (US\$ 20 bilhões) e aprovação de medidas pelo Congresso que desarmem uma verdadeira bomba-relógio — a dívida do sistema financeiro da Habitação (FCVS), calculada em US\$ 22 bilhões dentro de oito anos.

Dos cinco *homens de ouro* do programa de estabilização, Fernando de Holanda

Barbosa é considerado um dos maiores especialistas em inflação brasileira, ex-aluno de Mário Henrique Simonsen e professor da Fundação Getúlio Vargas.

“Depois de tanto *choque e pacote*, a inflação brasileira não pode ser *derrubada* apenas com medidas destinadas a cortar sua inércia.

Hoje, temos de cuidar especialmente da expectativa”, ensina Holanda. Para ele, o brasileiro não pensa mais na inflação do mês passado ao fazer contas, mas na inflação do mês seguinte.